

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

THE CHILDREN-YOUNG'S LITERATURE IN THE LEARNING PROCESS OF SECONDARY SCHOOL STUDENTS: A CASE STUDY

Marina Ruskaia Ferreira Bucar **1**

Erika de Souza Luz **2**

Kyldes Batista Vicente **3**

Resumo: O presente trabalho trata de um estudo de caso sobre a influência da Literatura Infantil na formação de alunos do 6º ano do ensino fundamental do Colégio Objetivo, em Palmas, Tocantins. Buscou-se refletir sobre a importância do trabalho com a Literatura Infanto-Juvenil no ensino de língua materna e da influência familiar na construção do hábito de leitura. Foram tomados como embasamento teórico os estudos de Abramovich (1997), Coelho (2000), Cavalcanti (2002) e Cosson (2014) sobre a relevância da leitura e das histórias voltadas para crianças no desenvolvimento infantil. A partir de uma análise qualitativa dos dados coletados, percebeu-se que a literatura Infanto-Juvenil se faz bastante presente nas práticas de leitura das crianças, e que tanto a escola quanto a família exercem grande influência nessas práticas enquanto agentes de formação de leitores. Contudo, é necessário o estabelecimento de atividades que mantenham o gosto pela leitura que já possuem, para que futuramente tornem-se leitores adultos críticos. Essa pesquisa abordou uma realidade específica, mas propõe reflexões em âmbito geral, se fazendo importante assim, para que professores em exercício reflitam sobre sua prática no que diz respeito ao ensino da literatura e para que os professores em formação tomem consciência da importância desse ensino.

Palavras-chave: Leitura. Literatura-Infantil. Ensino Fundamental.

Abstract: The present work deals with a case study of the influence of Children's Literature in the formation of students in the 6th grade of middle school of the Colégio Objetivo in Palmas, Tocantins. We tried to reflect on the importance of working with children's literature in teaching mother language and family influence in the construction of reading habits. The studies of Abramovich (1997), Coelho (2000), Cavalcanti (2002) and Cosson (2014) on the relevance of reading and of stories aimed at children in child development were taken as theoretical basis. From a qualitative analysis of the collected data, it was noticed that the literature on children and adolescents is very present in the reading practices of children, and that both the school and the family exert a great influence in these practices as agents of formation of readers. However, it is necessary to establish activities that maintain the taste for reading they already have, so that in the future they become critical adult readers. This research has addressed a specific reality, but proposes reflections in the general scope, making itself important in this way, so that in-service teachers reflect on their practice regarding the teaching of literature and for the teachers in formation to become aware of the importance of this teaching.

Keywords: Reading. Children Literature. Secondary School.

- 1** Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Graduação em Gastronomia em andamento pela Unicesumar (Polo Palmas). Mestrado em Letras em andamento pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0668994654142477>. E-mail: marina.rf@unitins.br
- 2** Graduada em Letras pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2001) Mestre em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-PT. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Doutoranda em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela UFNT. Professora do Instituto Federal do Tocantins, Câmpus Palmas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6884913012266578>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7453-7538>. E-mail: erika@ifto.edu.br
- 3** Graduada em Letras (pela UFG), Mestre em Letras e Linguística (pela UFG) e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (pela UFBA). Atualmente, é professora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8473-2828>. E-mail: kyldes.bv@unitins.br

Introdução

Que as histórias infantis produzem um encantamento em quem as ouve, é um fato inegável. Mas elas somente encantam? Quais são os impactos produzidos nos ouvintes dessas histórias, que podem ser contos, mitos, fábulas, além desse encantamento? O senso comum leva a crer que as histórias infantis servem somente para distrair, ou ocupar as crianças. Mas atualmente os estudos com foco na literatura infantil (que aumentam a cada dia) apontam que são diversas as contribuições das histórias infantis para quem as ouve ou lê.

Bruno Bettelheim (2015), psicólogo infantil e autor do livro *A psicanálise dos contos de fadas*, aponta que não há nada tão enriquecedor, seja para a criança, seja para o adulto, como o conto de fadas popular. Pois, por meio dele, pode-se aprender sobre os problemas íntimos dos seres humanos, além de soluções para esses. Afirma ainda que o conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte e, sendo assim, é compreensível à criança como outras formas de arte não conseguem ser.

Por outro lado, há pensadores e escritores que defendem que o valor e encantamento provocados pelas histórias infantis se devem às suas qualidades estético-literárias, que são vistas através da composição estilística das histórias, da lógica, do ritmo como os fatos são narrados; outros defendem ainda que esse encantamento é produzido pelo elo existente entre ouvinte e narrador, ou seja, os impactos positivos dizem respeito à recepção destas categorias de textos.

Assim, acreditando no valor de transformação da literatura e sua marcante influência na construção do pensamento e no discurso infantil, a presente pesquisa visa examinar, por meio de um estudo de caso, como é desenvolvido o trabalho com a literatura infanto-juvenil no 6º ano do ensino fundamental, do Colégio Objetivo, em Palmas, Tocantins, bem como os impactos deste ensino no processo formativo de leitores e suas contribuições no aprimoramento da competência discursiva dos alunos. Também se almeja apontar a relevância da literatura infantil no ensino da língua materna; e ainda verificar e constatar como os professores se alinham com o ensino da literatura Infanto-Juvenil; e também o papel e influência dos pais no processo de formação de leitores.

Pretende-se, dessa forma, valorizar a literatura infantil, acreditando que ela promove a inserção a um universo único, abrange o imaginário infantil, promove a ampliação e domínio do discurso e permite que cada ser envolvido possa, através do universo literário, construir sua história e sua significação no seu mundo. E aliada ao valor artístico, tem a capacidade de levar à criança informação imediata e formação interior de tal forma que outros instrumentos (sejam eles artísticos ou pedagógicos) não conseguem fazer.

As análises e reflexões geradas a partir das observações realizadas foram fundamentadas no arcabouço teórico da Teoria da Literatura, especificamente da Literatura Infantil e nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada sobre perspectivas de leitura. Para tanto, concorda-se com os estudos de Abramovich (1997), Coelho (2000), Cavalcanti (2002) e Cosson (2014) sobre literatura infantil e juvenil e o processo de leitura.

O interesse nessa pesquisa surgiu após o período de observação do Estágio Supervisionado, da constatação de que os alunos, no ensino fundamental, traziam sempre consigo obras de literatura infanto-juvenil, histórias em quadrinhos; conversavam entre si sobre as histórias e faziam trocas de livros. E no ensino médio, em trabalhos desenvolvidos por meio do PIBID (Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — Capes), notou-se também a recepção positiva, por parte dos alunos, de adaptações juvenis de clássicos literários. Partindo disso, nasceram questionamentos sobre como era trabalhada a literatura infanto-juvenil em outros ambientes. E ainda sobre o papel da literatura infantil na sociedade tecnológica, visto que existem muitas discussões sobre a sobrevivência do livro físico.

O trabalho foi desenvolvido, então, no intuito de responder questionamentos como: de que forma a literatura infantil é desenvolvida na escola? Esse trabalho, quando desenvolvido, influencia no hábito da leitura de literatura? Auxilia que esses leitores/crianças mantenham o gosto pela leitura, ou ainda desenvolvam seus níveis de leitura? Qual a percepção dos alunos, dos professores, do sistema escolar sobre esse hábito?

Isso posto, destaca-se a relevância acadêmica e social da pesquisa. Em primeiro, há que se ressaltar que os estudos sobre literatura Infante-Juvenil são bastante recentes, dado o próprio gênero estar aos olhos da ciência somente após a diferenciação entre a criança e o adulto (apesar de ainda ser considerado um gênero secundário aos olhos da crítica).

Sabendo que é possível questionar o fazer pedagógico no que diz respeito ao ensino de literatura, tendo em vista que atividades isoladas, em que o ensino de literatura recebeu tratamento diferenciado e impactou positivamente na formação dos estudantes já demonstraram sucesso na prática, pretende-se contribuir com prática literária dos professores que estão em sala de aula, e também para a reflexão (sobre a importância da literatura) daqueles que estão em processo de formação.

Ruth Rocha (*apud* Cavalcanti, 2002) afirma que a escola é um espaço que não respeita as diferenças, avalia injustamente, impede a criatividade e engarrafa todos dentro de padrões preconceituosos, mutilando qualquer gestoespontâneo, original, criativo e inteligente. E vai além, afirmando que nessa escola de vidro, não só os alunos estão envidraçados, mas também os professores, que geralmente desenvolvem um trabalho engessado, sem o dinamismo que a língua pede.

Arelado a esses fatores, pode-se perceber também a função social da pesquisa, que está diretamente ligada ao incentivo da leitura, tendo em vista que a formação de leitores é um dos focos atuais do ensino de língua materna.

Sobre a presença da literatura infantil no ensino fundamental: um estudo de caso

Metodologia

O presente artigo trata-se de um recorte do trabalho de conclusão de curso desenvolvido no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), câmpus Palmas¹. A pesquisa aqui retratada pode ser considerada como descritiva, visto que objetiva descrever de que forma é realizado o trabalho com a literatura infante-juvenil no Centro Educacional Objetivo, localizado em Palmas, Tocantins; e compreender os reflexos de tal trabalho na construção do hábito de leitura e na construção linguística e discursiva das crianças.

Para fazer referência aos participantes da pesquisa, serão utilizados nomes fictícios pertencentes a personagens da Literatura Infantil, de acordo com uma perspectiva da ética na pesquisa, de modo a preservar a identidade dos contribuintes voluntários.

Segundo Gil (1988) e Bertucci (2009), a pesquisa descritiva tem como finalidade descrever ou analisar características, comportamentos organizacionais de uma população ou fenômeno observado. Assim, categoriza-se a pesquisa como descritiva, pois foi desenvolvida a observação de fatos humanos e sociais por meio da descrição da prática escolar com foco no ensino da literatura infantil.

Para tanto, a técnica investigativa selecionada foi o método estudo de caso, tendo em vista que, de acordo com Gil (1988), o estudo de caso é um aprofundamento de um ou de poucos objetos de forma que seja possível obter um amplo e detalhado conhecimento do mesmo ou dos mesmos.

Já para Roth e Hending's (2010), o método estudo de caso possibilita o estudo intensivo de um indivíduo ou grupo visando construir generalizações a partir de uma análise abrangente do tópico de pesquisa como um todo.

Dessa forma, foi realizada a observação da prática de ensino de literaturainfantil em uma

1 BUCAR, Marina Ruskaia Ferreira. Reflexos da Literatura Infante-Juvenil na formação dos alunos do ensino fundamental: um estudo de caso. 2017. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Palmas, 2017. Disponível em: <https://portal.ifto.edu.br/palmas/campus-palmas/ensino/biblioteca/Acervo/trabalhos-academicos/letras/2017>. Acesso em: 18 dez. 2023.

turma de 6º ano do Colégio Objetivo, nas aulas de Língua Portuguesa. A turma era formada por dezesseis alunos e as aulas de Língua Portuguesa são ministradas por uma professora somente. Assim, o contato com o pequeno grupo de alunos e com a professora regente possibilitou uma leitura aprofundada da realidade em evidência.

O Colégio Objetivo² faz parte de uma rede nacional e particular de ensino que foi fundada em 1965. Está em Palmas desde 1996 e essa unidade oferta as modalidades de ensino fundamental anos finais e ensino médio do ensino básico, além de cursos de ensino superior. A rede Objetivo utiliza métodos e materiais didáticos próprios. O material didático é composto por apostilados bimestrais, que são produzidos por especialistas em cada área e divididos por especificidade. As apostilas específicas de Língua portuguesa são compostas por atividades de: produção textual, interpretação de textos, gramática e atividades diárias para casa, que envolvem todos os conteúdos trabalhados. E no que diz respeito à literatura, inclui obras literárias diversas, divididas também em bimestres (uma obra para cada bimestre), sendo que são acompanhadas por encartes que contêm questões referentes às obras. As obras presentes no material do 6º ano são: *As mil e uma noites* (Adaptação de Paulo Sérgio Vasconcelos); *Mitos Gregos*, também selecionados e adaptados por Paulo Sérgio Vasconcelos; *Sonho de uma noite de verão* de William Shakespeare, adaptada por Isabel de Lorenzo; e *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, também adaptada por Isabel de Lorenzo.

Como foi feita uma observação do cotidiano escolar, buscando uma interpretação ampla de tal realidade, a pesquisa qualitativa foi a modalidade escolhida para o desenvolvimento do trabalho, considerando que, segundo Bortoni (2008):

[...] na pesquisa qualitativa, não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como interpretam (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 34).

A análise dos dados coletados em sala de aula foi desenvolvida de forma interpretativa, levando em conta que, ainda segundo Bortoni (2008), o objetivo da realização de uma pesquisa qualitativa em sala de aula é “abrir a caixa preta”, ou seja, trazer à tona processos do cotidiano escolar que se mantêm escondidos dos atores participantes deles em função de serem rotineiros.

Tendo em vista que a observação é fundamental na pesquisa qualitativa, para o levantamento dos dados, foram realizadas observações estruturadas de aulas de língua portuguesa que tinham como foco o incentivo à leitura e à escrita, por meio do projeto literário de produção de livro de contos, que é realizado anualmente pela escola.

Buscou-se inferir o hábito de leitura dos alunos, o desenvolvimento linguístico dos mesmos e a metodologia adotada pela professora; foram realizadas ainda uma entrevista semi-estruturada com a professora regente da turma, com vistas a identificar como se dá o trabalho com a literatura infantil/ leitura na turma e conhecer as convicções da mesma sobre a influência da leitura na formação linguística dos alunos; uma conversa informal com os alunos da turma, visando apreciar as percepções dos mesmos sobre o hábito e a importância de ler obras infanto-juvenis; análise de materiais produzidos pelos alunos com vistas a examinar a construção linguística dos mesmos, identificando as influências da literatura presentes nas marcas dos seus discursos.

A escolha por uma turma de 6º ano se deu pelo fato de que os alunos dessa série, em função da faixa etária em que se encontram, estão numa fase de transição do estágio de leitor fluente para o de leitor crítico. De acordo com Coelho (2000), naquele consolida-se o mecanismo da leitura e ainda prevalece o interesse por obras infantis dotadas de características mágicas; já neste, percebe-se um domínio total da leitura e a preferência por obras juvenis (Coelho, 2000).

Assim, parte-se do pressuposto de que os alunos de uma turma de 6º ano podem apresentar percepções diversificadas a respeito da literatura infantil, visto que estão começando a criar independência nas escolhas literárias, mas ainda são influenciados pelo gosto das pessoas que

2 As informações sobre a escolha podem ser encontradas no link. Disponível em: <http://objetivopalmas.com/ensino-fundamental/>. Acesso em: 28 jan.2017.

estão presentes no convívio social (pais, professores, irmãos, amigos...), além de ainda receberem grande influência desse gênero literário, tanto na construção linguística, quanto na construção da visão de mundo.

Esse processo de coleta, realizado de forma bastante detalhada, condiz com o que considera Bortoni (2008): o interesse da pesquisa interpretativista (que envolve a observação e interpretações dos dados) é estudar com detalhes uma situação específica, para compará-la a outras situações. Quando essa pesquisa se dá em sala de aula, seu objetivo é construir e aperfeiçoar concepções sobre a organização social da vida em sala de aula.

Há de se destacar que, ao desenvolver uma pesquisa científica, que envolva ou não levantamento de dados ou estudos de caso, é necessário levar em conta a ética na pesquisa. Tendo em consideração que a pesquisa se deu por meio da observação de aspectos humanos e sociais, a ética foi priorizada na coleta e análise dos dados, pois tal como afirma Santos (2011):

Ao exercer suas atividades científicas, um pesquisador deve sempre visar a contribuir para a construção coletiva da ciência como um patrimônio coletivo, deve abster-se de agir intencionalmente ou prejudicar o trabalho coletivo da construção da ciência e a apropriação coletiva de seus resultados.

Assim, antes da coleta dos dados, foi solicitada uma autorização da escola para o desenvolvimento da pesquisa e os dados foram levantados e analisados de forma cuidadosa, visando contribuir com os princípios éticos do pesquisador e, principalmente, tendo em vista que a pesquisa trata diretamente da relação com pessoas, resguardar os direitos e integridade dos alunos, da professora e do ambiente escolar observados.

Discussão e resultados

A coleta de dados foi iniciada com a observação das aulas. Na primeira aula observada, os alunos estavam apresentando trabalhos sobre o folclore brasileiro. Foi um momento importante para iniciar a observação, pois sabe-se que o primeiro contato das crianças com a literatura infantil (advindo da literatura oral), geralmente tem relações diretas com o folclore, ou seja, inserir os alunos em uma pesquisa relacionada a esse assunto já é uma forma de fazer referência às origens da literaturainfantil e envolvê-los no ato de contar histórias.

Foi possível perceber, nesse momento, como as crianças são bem articuladas, possuíam desenvoltura na fala, postura, boa dicção; além disso, grande facilidade para inserir sua fala no contexto tecnológico e interagir com mecanismos digitais para enriquecer a apresentação. Recorreram, por exemplo, à exibição de vídeos, músicas e uso do celular para fundamentar a argumentação.

Por meio dessa observação já foi possível supor que esses alunos detinham algum nível de leitura, visto que apresentavam grande domínio da linguagem, se faziam donos dela, isto é, estavam inseridos no processo de letramento.

Após essa aula, foi realizado um diálogo informal com a turma, visando identificar se eram de fato leitores, e quais fatores contribuíam para isso. O diálogo foi iniciado com perguntas sobre o hábito de leitura dos alunos, se gostavam de ler, se liam com frequência, e o que gostavam de ler. Foi perceptível, inicialmente, que a compreensão que eles possuíam de uma leitura relevante a ser apontada em uma pesquisa, quando perguntados se gostavam de ler, era apenas a leitura realizada em sala de aula, ou seja, apresentavam uma visão tradicional, reduzida do ato de leitura. Visto que muitos afirmaram gostar de ler, mas destacaram que as leituras pelas quais se interessavam eram diferentes das realizadas em sala.

Por exemplo, o aluno Peter Pan afirmou não gostar de ler e na sequência retirou de sua bolsa e pôs sobre a carteira uma obra literária da coleção infanto-juvenil Percy Jackson de Rick Riordan, dizendo: Eu gosto de ler “só” isso (Informação verbal), levando a presumir que os textos aos quais ele se referia não poderiam ser considerados leitura ou literatura.

A pergunta foi então ampliada para: vocês têm o hábito de ler em casa? Todas as leituras

valem como resposta: livros, histórias em quadrinhos, revistas... Eles responderam eufóricos que gostavam sim de ler os livros que tinham em casa, e que tinham preferência por livros de aventura, ficção, comédia. Assim foi possível concluir que a turma, em sua maioria, tinha o hábito de ler com frequência, restando apenas uns três que afirmaram ler com pouca frequência, mas todos se consideravam leitores.

Tendo a informação de que eles faziam leituras diversas (que em função da visão tradicionalista acabavam considerando como diversão apenas) foi solicitado que cada aluno falasse sobre seus gostos de leitura, que livros mais gostavam ou quais tipos de histórias mais lhes agradava.

Os livros mais citados pelos alunos são pertencentes à literatura infantil e juvenil como as coleções *Percy Jackson*, do autor Rick Riordan; *Harry Potter*, da autora J.K. Rowling, *O diário de um banana*, do autor Jeff Kinney; ou mangás, histórias em quadrinhos de autores diversos. Notou-se que há uma forte influência de livros que envolvem as temáticas de aventura em grupo, heróis e amizade.

Conforme aponta Frantz (2011), essas escolhas são naturais dessa faixa etária, visto que, entre os 10 a 12 anos as crianças estão numa fase de transição do interesse por contos maravilhosos para histórias que possuam fatos concretos. Apresentam então, grande fascínio por histórias de aventura, fase que é chamada de “fase de leitura psicológica orientada para o sensacionalismo” ou ainda “idade do realismo aventureiro”. Nessa fase, é natural o pré-adolescente buscar tomar consciência de si, ter a vivência social em pequenos grupos, e essas preferências recaem sobre as leituras, havendo um gosto maior por livros que apresentem histórias sentimentais, aventuras, vividas por jovens em grupos. As obras apontadas como preferidas dos alunos apresentam essas características.

O aluno *João e o pé de feijão* e a aluna *Sininho* apontam que costumam ler com frequência mangás ou histórias em quadrinhos, mas não possuem muita afinidade com a leitura de livros. Esse fato possivelmente está relacionado à preferência pelo visual, serem atraídos por imagens, desenhos, o que é muito comum nas escolhas infantis.

Já as alunas *Cinderela* e *Bela Adormecida* apresentaram um interesse por obras também juvenis, como: *A culpa é das estrelas*, de John Green; *Fazendo meu filme*, de Paula Pimenta. Essas obras são lidas geralmente por meninas e trazem características comuns de contos de fadas, como o romance, a presença de um mocinho e uma mocinha, a presença do —felizes para sempre.

As alunas *Rapunzel* e *Chapeuzinho Vermelho*, e o aluno *Pequeno Polegar*, relataram gostar de diversas obras, mas terem sido marcados pelas obras *O pequeno príncipe* de Antòine Saint Exupéry e *A ilha perdida*, da autora Maria José Dupré, pertencente à coleção infantil Vagalume. Ambas são obras mais antigas e podem ser consideradas clássicas da literatura infantil.

Foi apontado também o interesse por obras consideradas de maior dificuldade de leitura, de autores consagrados na literatura voltada para adultos como: *O alquimista* de Paulo Coelho, *O alienista* de Machado de Assis, *O Código da Vinci*, de Dan Browne *Vinte mil léguas submarinas* de Júlio Verne. Os alunos apontaram serem essas leituras que exigem mais tempo por serem mais extensas e mais complexas, mas serem tão prazerosas quanto os outros livros lidos.

Dessa forma, quanto aos interesses de leitura, foi possível identificar uma variedade de obras e autores, mas seguindo, no geral, um mesmo estilo e temática. E sendo a maioria voltada para crianças e pré-adolescentes. Portanto, confirma-se o apontamento de Rouxel (2013) que a literatura infanto-juvenil oferece grande diversidade de obras com qualidade literária para que as crianças adquiram aprendizado e gosto pela leitura literária.

A autora afirma ainda que geralmente os pré-adolescentes e crianças apontam a experiência de leitura como um acontecimento transformador. Isso, ainda conforme Rouxel (2013), acontece porque as obras confrontam questões existenciais como o amor, a morte, o sofrimento. E a literatura infanto-juvenil, principalmente nas obras mais citadas pelos alunos durante a conversa, explora esse veio.

Sabendo que os alunos possuem o hábito da leitura e quais os gostos de leitura deles, se faz necessário discutir de que forma a literatura é tratada pela escola, a saber, se ela proporciona o cultivo de tal atividade. Evidenciamos, então, as demais aulas observadas, que foram direcionadas para o desenvolvimento de um projeto de produção literária, realizado tradicionalmente pela

escola, anualmente, nas turmas do ensino fundamental II e funciona como um dos principais mecanismos de incentivo à leitura. Na turma estudada o gênero elencado para produção foi o Conto.

Destaca-se o momento de mediação de leitura do conto *Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro*, de Sylvia Orthof. Esse ocorreu de forma dialogada, sendo que a professora assumiu o papel de narrador e os alunos assumiram o papel das personagens da história. Foi uma atividade bastante interativa e que instigou a leitura, visto que os alunos interagiram bastante e ficaram atentos durante toda a história.

Percebe-se nessa prática a importância da narração de histórias enquanto forma de trabalhar a literatura infantil, visto que as crianças na maioria das vezes têm o primeiro contato com a literatura por meio da oralidade. Assim, o ato de contar/narrar histórias, segundo Frantz (2011), tem o objetivo de aproximar o ouvinte ao texto. Na narração, o contador ilumina e dá vida ao texto, introduzindo-o na vida das crianças mostrando o quão rica ela pode ser. E dessa forma implica a continuidade da experiência de descobertas nas histórias e no desejo pela leitura (Frantz, 2011).

A contação de histórias é ainda uma forma da criança/jovem, mesmo os já leitores como os alunos do 6º ano, experienciar e imaginarem certas emoções presentes na história, ou seja, contribui para provocar o imaginário e a criatividade destes. Bem como afirma Abramovich (1997):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve — com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (Abramovich, 1997, p.17).

Após a narração, a professora provocou um debate sobre a leitura com os alunos, questionando o que haviam achado da história. E explicou a estrutura do gênero conto, utilizando a história narrada para exemplificar as características do gênero. Dessa forma, conforme ia tornando o gênero familiar aos alunos, também destrinchava a história contada para que os alunos compreendessem melhor.

Nas aulas seguintes, levou diversos contos para que os alunos fizessem leituras e utilizou metodologias diferentes, realizando outras narrações; rodas de leitura, em que os alunos receberam contos diversos para que cada um fizesse a leitura silenciosa; narrações feitas pelos próprios alunos e, sempre ao final da leitura, a professora fazia questionamentos sobre o sentido do texto, contextualizando cada conto com a realidade dos alunos, explorando o conhecimento prévio dos mesmos.

Cavalcanti (2002) afirma que é muito importante apresentar para os leitores que as histórias apresentam diversas representações do cotidiano das pessoas, porque isso devolve a eles o sentido da continuação da experiência simbólica.

Em seguida, foi apresentada aos alunos a proposta da produção de um livro de contos, que seria produzido em duplas. Cada aluno teria que produzir um conto e depois reunir os contos da dupla para a produção de um livro de contos.

Figura 1. Livros produzidos pelos alunos



Fonte: Elaborada pelas autoras (2017).

Este projeto também pode ser chamado de oficina de contos. Esta técnica de oficina, segundo Cosson (2014), é uma alternativa para se realizar o letramento literário, que consiste em levar o aluno a construir seu conhecimento por meio da prática, pois cada atividade de leitura será acompanhada por uma atividade de escrita. Acredita-se que tal projeto pode contribuir bastante para a formação/conservação do hábito de leitura, pois ao ter um contato com os contos, com a linguagem literária, os alunos se sentem motivados a ler e a produzir, o que foi perceptível na empolgação destes ao poder escrever seu próprio livro, e no cuidado e preocupação com o leitor, que ficaram explícitos no trabalho final.

Após a produção, correção, reescrita, edição e impressão dos livros, foi realizado um evento de socialização das obras, em que a família e alunos de outras turmas puderam ter acesso aos livros escritos pelos alunos, fato que incentiva ainda mais o cuidado com o texto e com a leitura, pois a produção terá leitores e exercerá sua função social.

Figura 2. Mostra cultural de lançamento dos livros produzidos



Fonte: Elaborada pelas autoras (2017).

Figura 3. Evento de exposição e socialização das produções dos alunos



Fonte: Elaborada pelas autoras (2017).

Além dessa produção de livros literários, a escola oferece outros mecanismos de incentivo à leitura, e a produção escrita como produto das leituras.

Segundo a professora, foi desenvolvido outro projeto de leitura além do descrito, que envolveu a leitura da obra *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, do autor de livros para crianças e jovens, Pedro Bandeira. Há também uma revista intitulada *Objetiva*, que é uma publicação da escola e reúne produções dos alunos.

Há, ainda, a leitura de obras literárias, que vêm inseridas no material didático da escola. Neste, constam quatro obras por série, que são abordadas ao longo do ano, em bimestres. Os livros voltados para o 6º ano, já citados anteriormente, são: *As mil e uma noites*, *Mitos Gregos*, *Alice no país das Maravilhas* e *Sonho de uma noite de verão*.

O fato de haver obras literárias fixas tem seu lado positivo, pois demonstra que a literatura tem espaço para ser trabalhada em sala de aula. Os títulos envolvem clássicos que geralmente são adaptados para crianças, como *As mil e uma noites*, que são contos enquadrados dentro do tipo Contos de Fadas e que, conforme Bettelheim (2015), oferecem à criança níveis distintos de significação e enriquecem a existência delas, pois ao mesmo tempo que divertem, promovem reflexão e mudanças na construção e desenvolvimento da personalidade.

Em contraponto a isso, há pontos negativos em torno dessa limitação de obras: em primeiro, as obras não são trocadas há pelo menos dez anos, e as questões contidas nos apostilados que abordam tais textos, também se repetem a essa mesma quantidade de tempo. Esse fato não leva em conta a heterogeneidade dos alunos, nem mesmo o contexto de vivência, pois é como acreditar que os alunos de hoje possuam exatamente a mesma mentalidade dos de dez anos atrás e são postos às mesmas influências, ignorando que a leitura e a literatura são práticas sociais, e para que sejam efetivas na transformação das crianças, precisam estar adequadas à sua realidade e abordar pontos que sejam significativos para elas. Ou seja, ainda que os livros permaneçam os mesmos, em função de serem clássicos, os questionamentos deveriam ser diferentes para contextualizar com as diferentes realidades.

Há de se levar em conta também que a quantidade reduzida de livros literários, que já vêm pré-selecionados, vai contra a liberdade de escolha da criança, fator importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Sendo assim, o material apostilado aborda a literatura infantil de duas formas. A primeira é tratada na parte do material referente à gramática, interpretação e produção de texto. Nele encontram-se textos literários curtos como poemas, contos infantis, histórias em quadrinhos de autores consagrados como Monteiro Lobato, Ruth Rocha e Maurício de Souza. Relacionadas a cada texto são listadas diversas questões, mas poucas abordam o texto em si. Em sua maioria estão voltadas para o conteúdo gramatical do módulo da apostila, ou para interpretações de fácil identificação no texto, que exigem da leitura somente a estratégia de extração de informações. Esse tratamento se assemelha ao que é dado pelos livros didáticos utilizados em outras escolas.

Já a outra forma em que a literatura é abordada no material da escola observada se insere na perspectiva do letramento literário, pois envolve a leitura de obras literárias adaptadas para crianças, conforme foi citado anteriormente, e a socialização dessas leituras por meio de questões que vêm anexadas ao livro e, conforme mediadas pela professora, podem promover a reflexão da obra lida, e o estabelecimento de comparações com outras obras e com a sua realidade, contemplando uma relação das obras com a realidade e vivências das crianças.

Na entrevista, a professora regente (P1) apontou que os livros literários e as questões sobre ele vêm predeterminados juntamente com o material, mas a forma de aplicação é selecionada por ela, que desenvolve da seguinte forma:

Os livros literários são selecionados pela equipe pedagógica de professores da rede Objetivo. Como já foi citado, são quatro livros obrigatórios por ano, um por bimestre. A leitura é realizada em casa semanalmente e quinzenalmente na biblioteca do colégio. Toda sexta-feira socializamos a leitura através de discussão e análise, através de questionários referentes ao livro (P1).

Além disso, ela aponta a presença dos textos literários aleatórios contidos no material, e que na atividade de leitura que ocorre na biblioteca, quinzenalmente, os alunos têm a opção de realizarem a leitura de outros livros disponíveis.

Sobre a função da biblioteca no processo de formação de leitores, Frantz (2011) afirma que a existência de uma biblioteca bem estruturada, com acervo atualizado e livros que sejam do gosto infantil, é de grande relevância para o desenvolvimento de um trabalho com a literatura na escola. Além disso, é importante haver ações dinamizadas que enriqueçam a experiência da leitura nesse espaço (Frantz, 2011).

É por reconhecer a importância dessa atividade de leitura na biblioteca que a professora propõe que seja realizada com frequência, e deixa os alunos livres para escolherem suas leituras nesse espaço. No entanto, ela destaca que:

Os alunos não têm o hábito de fazerem empréstimos de livros na biblioteca; pois, infelizmente, a biblioteca da escola não oferece obras atraentes para eles. Grande parte do acervo é voltada para o ensino universitário (P1).

Sendo assim, não há muitas opções para que os alunos escolham nas atividades de leitura, ficando amarrados à leitura do livro fornecido pelo material.

Ainda na entrevista, a professora aponta o fato de essas leituras ainda não serem suficientes:

Os alunos em geral têm um bom hábito de leitura, mas não é suficiente, poderia ser explorado bem mais o número de livros lidos por bimestre (P1).

Percebe-se que mesmo havendo quantidade escassa de mecanismos para incentivar a leitura literária, a professora os utiliza, promovendo atividades de leitura tanto em sala de aula quanto na biblioteca. Porém, com essa limitação, fica a cargo da família a responsabilidade de comprar e influenciar as crianças nesse hábito de leitura extraclasse.

Durante a conversa informal com os alunos, eles relataram que são influenciados para realizarem leitura em casa, pelos pais, ou pelos irmãos, primos e amigos. Alguns apontaram gostar de ler somente por ver os pais lendo, outros são diretamente estimulados e alguns leem por conta própria. Há ainda uma liberdade na escolha das leituras, sendo que os pais compram os livros que os filhos gostam de ler. Percebe-se assim, que o hábito dessas crianças em sua rotina familiar contrasta com sua prática escolar.

É sabido que as práticas familiares influenciam normalmente de forma positiva, tanto na linguagem das crianças, como no hábito da leitura, funcionando como um reforço. São modelos que colaboram para a aquisição e aperfeiçoamento linguístico. No entanto, os reforços escolares

e familiares não podem ser considerados como um processo linear, pois segundo Bakhtin (2003) a linguagem vista como sistema: é dinâmica, plástica, sujeita a alterações e mudanças

Dessa forma, não se pode afirmar que a influência familiar reflete sempre positivamente no comportamento linguístico das crianças, que enquanto seres individuais e em formação, estão sujeitas a vários outros processos internos e externos que constroem suas concepções de mundo e de linguagens. No caso da turma analisada, percebeu-se que a maioria dos alunos recebe um incentivo positivo, com raras exceções em que ele se dá de forma negativa.

Percebe-se, por exemplo, a influência direta dos pais, como no caso da aluna *Alice*, que relatou a influência positiva recebida antes mesmo de ser leitora: a mãe tinha o hábito de contar histórias para ela e comprar livros que a agradassem para realizar a leitura. Destacou um livro comprado pela mãe que possuía histórias para serem lidas diariamente. Ou também o caso do aluno *Pequeno Polegar*, que afirmou ler um livro que pertencia à mãe quando a mesma tinha a idade dele.

Esse fato apontado é contribuinte para o desenvolvimento pelo gosto da leitura. Cabe aqui destacar que a família é um ponto importante na formação do leitor, pois o início da infância é marcado —pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos (Cavalcanti, 2002, p. 67). É observando os hábitos e gostos dos pais que as crianças começam a criar os seus.

Foram percebidas também influências que podem ter consequências negativas, como no caso da aluna *Cinderela* e do aluno *João e o Pé de Feijão*, que declararam não receber incentivos dos pais para ler, visto que esses não têm o hábito de ler e nem compram livros para eles. Porém, estes recebem a influência positiva dos irmãos mais velhos, que independente do hábito dos pais, são leitores, e mesmo não incentivando diretamente, permitem que façam a leitura de seus livros.

Ou como a aluna *Rapunzel* apontou que, apesar de gostar de ler, os pais utilizam o livro como forma de pressão, pois se a mesma não realiza a leitura de livros comprados por eles, é punida com algum castigo. Há ainda a revelação da aluna *Cachinhos Dourados*, que diz que os pais possuem livros muito específicos e os livros que ela gostaria de fazer leitura são proibidos em casa, levando-a a pegar escondido para fazer suas leituras. Nesse caso, ela continua lendo por motivação própria, mas o fato de os livros se mostrarem “sagrados” para a criança poderia afastá-la do hábito de leitura.

Destaca-se que atos que atrapalhem a liberdade do aluno no momento da leitura podem acabar contribuindo para a não formação do leitor e as influências paternas que vetam a leitura ou a instituem como obrigação podem pesar de forma negativa para as crianças. A leitura não pode ser vista como castigo ou punição. No caso estudado, elas acabam encontrando outras influências positivas e se mantendo na trilha do interesse pela leitura.

Outra influência que pode ser notada é a das abordagens tecnológicas e midiáticas, visto que os alunos estão inseridos no contexto tecnológico e têm muitos mecanismos à disposição que podem incentivar ou afastar o aluno do universo da leitura.

Foi apontado pela professora durante a entrevista que:

Nas turmas de ensino fundamental do Colégio Objetivo, esta influência tecnológica tem mais aproximado os alunos da leitura literária do que afastado. Mas lógico que há aqueles que preferem ler o resumo da obra ou assistir as adaptações cinematográficas na internet (P1).

Esse é o caso das alunas *Chapeuzinho Vermelho* e *Bela Adormecida*, que afirmaram sentirem-se atraídas primeiramente pelos filmes, mas destacam que, após o contato com a adaptação cinematográfica, buscam os livros. Essa não é uma influência negativa, pois as alunas colecionam os livros que originam cada filme assistido, além de terem a visão crítica de comparar as adaptações cinematográficas com a obra em si.

Outro fator observado trata da questão da oralidade e da escrita. Ao pensar a língua enquanto sistema adaptável, percebe-se que as crianças observadas fazem parte também de

um meio dinâmico, fator que contribui positivamente no processo discursivo dessas. As crianças, inseridas em um ciclo linguístico, familiar e escolar, estão em constante processo de evolução da linguagem. Assim, mais uma vez, reafirma-se a importância e as influências do processo de leitura como fator motivacional para a construção e organização linguística desses alunos observados.

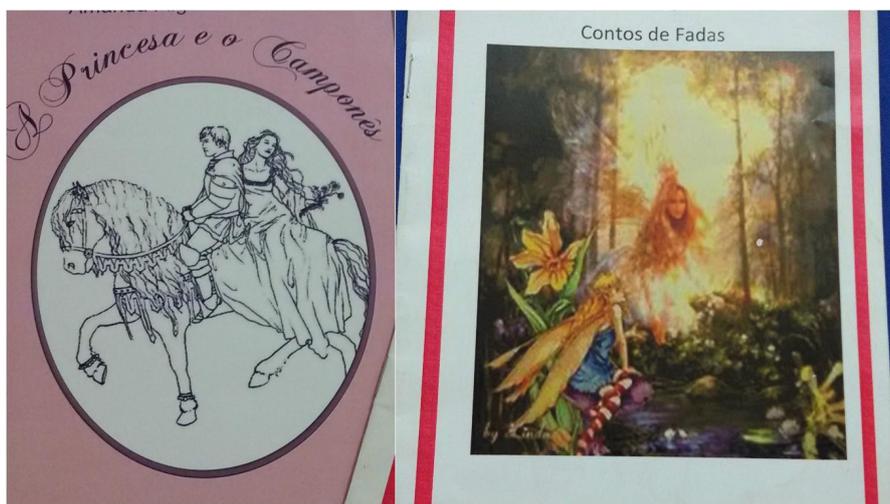
Isso posto, a professora demonstra, na entrevista, seu pensamento sobre a relevância da literatura infantil em relação ao aspecto linguístico:

A literatura infantil é de extrema importância no desenvolvimento educacional da criança e principalmente no discurso oral e escrito, pois é através da prática da leitura que o aluno ampliará seu vocabulário e assim passará a ser cada vez mais um leitor crítico e fluente, capaz de navegar no mundo literário, já que passa a interagir constantemente com as histórias lidas nos livros e contadas oralmente nas rodas de leitura (P1).

Portanto, em relação à oralidade, como dito anteriormente, as crianças demonstraram-se seguras em emitir suas opiniões e expressar sentimentos. Elas possuem um vocabulário bem diversificado e realizam construções sintáticas bem organizadas e concatenadas, além de possuírem boa dicção e interagirem bastante com a professora.

E em relação ao processo escrito, foi possível analisar que os textos produzidos por elas adequavam ao gênero solicitado. Os contos apresentavam poucas personagens, narrador, alternância entre discurso direto e indireto, conflito e clímax bem explicitados. O que pode ser observado, por exemplo, no conto *A galinha*, em que o enredo narra a história de três galinhas irmãs Giselda, Clementina e Josefina, sendo que as duas primeiras botam ovos de ouro e Josefina não. O conflito se dá quando as personagens começam a chacotear Josefina por não botar ovos de ouro; o clímax fica explícito quando essa mesma galinha bota de repente o maior ovo de ouro já visto; e no desfecho Josefina perdoa a todos que zombaram dela.

Figura 4. Influência dos contos de fadas nos livros produzidos



Fonte: Elaborada pelas autoras (2017).

O fato de os contos produzidos pelos alunos coincidirem em suas temáticas com as temáticas comuns dos contos de fadas demonstra que essas crianças são bastante influenciadas por essas temáticas, o que pode significar que elas estejam se apropriando dessas histórias pelas quais se interessam, se descobrindo nelas. Assim o contato com as histórias infantis têm de fato contribuído para o desenvolvimento dessas crianças.

Considerações finais

Quando se fala sobre a literatura infantil e juvenil, é fundamental reconhecer a sua importância no desenvolvimento do seu público alvo, seja enquanto leitura no espaço escolar, seja enquanto leitura no ambiente familiar. Dessa forma, buscou-se nessa pesquisa, realizar um estudo aprofundado sobre a realidade dos alunos do sexto ano do ensino fundamental no que diz respeito à literatura infantil.

Na realidade específica que foi interpretada concluiu-se que os alunos possuem um hábito de leitura de literatura, e que a manutenção deste recebe contribuições diretas das práticas vivenciadas em sala de aula, e também das influências familiares. O gosto pela leitura cultivado por esses pré-adolescentes colabora tanto para o desenvolvimento linguístico quanto para o imaginário deles, fator importante na construção de saberes e de personalidade.

Conclui-se que a escola observada não toma o ensino da literatura infantil como central no ensino de língua materna, devido não existirem mecanismos diretos de incentivo à leitura literária, além dos livros que vêm inseridos no material, e o projeto de produção literária que ocorre uma vez ao ano e limita-se apenas à série estudada. Por outro lado, é possível perceber que há uma abertura para que professores desenvolvam atividades de leitura e projetos literários, ficando a cargo então da metodologia dos professores a tarefa de incentivo à leitura na escola.

A professora do 6º ano demonstrou, tanto nas aulas observadas quanto na entrevista, realizar um trabalho no sentido de incentivar a formação de leitores, proporcionando momentos de leitura e contação de histórias.

Somado a isso, há uma grande influência externa à escola, advinda do âmbito familiar, sendo que a família, sejam pais, irmãos ou outros, além de assumir a responsabilidade da compra de livros para as crianças, exerce um papel motivador no sentido de permitir a liberdade de leitura e proporcionar momentos nos quais o adolescente possa enxergar a leitura como uma experiência positiva.

Assim, tendo em vista que os alunos observados têm um contato direto com a literatura infantil e recebem diversas influências que alimentam esse contato emotivo o gosto pela leitura, concorda-se com a afirmação de Abramovich (1997) de que há muitas formas de se aproximar as crianças da literatura sem que essa aproximação seja considerada chata e enfadonha, trata-se de aproximá-las dos livros de modo aberto, em diversos espaços (bibliotecas, livrarias...), pois se as crianças são julgadas por não gostarem de ler, mais culpados são os adultos que não lhes apresentam os caminhos mágicos da leitura.

Portanto, em caráter amplo, não só os resultados dessa pesquisa, mas os saldos das observações realizadas ao longo de todo o curso sobre o papel da leitura e literatura em sala de aula, de todas as leituras referenciadas aqui, orientam para o pensamento de que a escola, os professores atuantes no ensino básico, os professores atuantes na formação de professores e os professores em formação, devem se comprometer na busca incansável pela proposta educacional transformadora, que cria leitores capazes de se libertar da manipulação, da opressão, utilizando o que o homem tem de mais rico: a palavra. Essa escola transformadora, libertária (Freire, 2014)³, sonhada por muitos:

Não envidança, ao contrário disso, deve promover o sentido de liberdade de expressão, busca do prazer estético, gosto pela leitura, criação de espaços para a valorização do lúdico, enfim deve ser um campo fértil para a valorização da interdisciplinaridade e pluralidade do olhar sobre o mundo. Na escola transformadora haverá espaço para o onírico e o poético, portanto para a alma. Por mais que nos pareça impossível, haverá lugar para o sonho e para o surgimento de um leitor simbólico que lê o implícito, mergulha no vazio das palavras para buscar seu próprio sentido. Que lê com o corpo e com o espírito, por isso transforma (Cavalcanti, 2002, p.81).

³ Paulo Freire aborda em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2014) sobre a relevância de uma educação dialógica e libertadora, para que os oprimidos se libertem das opressões.

Acredita-se aqui, não que todo leitor-adulto tenha sido incentivado durante a infância e vivido experiências com a literatura infantil, mas que toda criança que é inserida no mundo da leitura por meio da literatura infantil, que passa pelos estágios de leitor em formação, torna-se um leitor adulto, ativo e reflexivo. Acredita-se enfim que é a inserção no poético, na palavra-metáfora que pode criar uma sociedade leitora, questionadora e **produtora**, ao invés de **reprodutora** de ideias.

Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad.: M.E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 31 Ed. Rio de Janeiro, Paze Terra, 2015.
- BERTUCCI, J. L de O. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos: ênfase na elaboração de tcc de pós-graduação lato sensu**. São Paulo: Atlas, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro equano ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. 3 Ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- COSSON, R. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.
- ROTH, D. M e HENDGE'S, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo, SP: Parábola, 2010.
- ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; FALEIROS, R. J. (orgs.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33
- SANTOS, L. H. L. **Sobre a integridade ética da pesquisa**. Disponível em: <http://www.fapesp.br/6566>. Acesso em: 16 jun. 2016.

Recebido em 13 de novembro de 2023

Aceito em 18 de dezembro de 2023